

PAULO FREIRE: UMA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA CARTAS À GUINÉ-BISSAU

Edgar Pereira Coelho ¹

Paulo Freire utilizou do gênero epistolar e realizou uma educação à distância, – estando no Brasil ou fora dele, – seja para comunidades, equipes de trabalho, educandos ou educadores.

Em *Cartas à Guiné-Bissau* (1977), boa parte dos contatos e relacionamento com os camaradas daquela terra, foram realizados através de correspondências reais. Entre uma visita e outra, mantinha uma assídua correspondência com Mário Cabral e equipe, o que permitia a continuidade dos diálogos empreendidos. Assim fazendo, coloca em prática toda a sua proposta de trabalho, com o objetivo de colaborar no processo de libertação daquele povo. Trata-se de um livro que indubitavelmente nos leva a parar de tergiversar e ir ao centro, ao coração do seu pensamento, que possivelmente serviu-lhe de fio condutor para todas as outras obras construídas posteriormente, contendo também as grandes inspirações das obras anteriores.

A primeira parte do livro se serve a um longo relatório de trabalhos que foram realizados e que ainda se realizariam em Bissau. A segunda parte, é composta por cartas a Mário Cabral, sendo 11 dirigidas a ele e 6 à equipe. Trata-se, sobretudo de um minucioso relatório, onde desenvolveu suas principais idéias, em uma linguagem simples, desvelando já de início os seus propósitos de não levar nada pronto aos guineenses. Na proposta de uma ajuda verdadeira, onde os envolvidos se ajudassem mutuamente, em um esforço comum, conhecendo a realidade opressora, para melhor transformá-la. Não se tratava, portanto de transposições de experiências anteriores. Era uma maneira de se colocar em prática o ser dialógico que ele era.

A ajuda de Paulo Freire não poderia ser invasora, nem colonizadora, portanto, tem início com um pedido por parte do Governo de Guiné-Bissau e a sua resposta e de sua equipe se dão a partir de alguns propósitos e “certezas” “Guiné-Bissau não parte de zero, mas de suas fontes culturais e históricas, de algo de bem seu, da alma mesma de seu povo, que a violência colonialista não pôde matar” (FREIRE, 1977, p. 16). O trabalho da equipe partiria da organização dos camaradas e de suas necessidades, não levaria nada pronto. Primeiro eles se organizariam a partir de suas necessidades e a equipe seria uma ajuda lateral, no fazer junto, no fazer com e não sobre. Assim tudo começou. A proposta de trabalho seria de tal maneira, que não gerasse dependências de um grupo sobre o outro. Paulo Freire e sua equipe, não iriam a Bissau para transplantar experiências, mas para um processo coletivo de reinvenções, na superação do analfabetismo que era alarmante naquele país, massacrado pelo colonizador e pela guerra. Era um contexto extremamente complexo a ser trabalhado e ele se dispôs a fazê-lo.

Inúmeros Círculos de Cultura foram realizados, tanto no sentido de alfabetizar adultos, quanto para a formação de quadro de futuros alfabetizadores. Através deles, ele e Elza

¹ Doutorando em Filosofia da Educação Pela USP. Prof. de Filosofia da Educação do CES/JF - Membro IPFSP. Brasil.

exercitavam a escuta sobre o que era a experiência daquele povo, na triste realidade da guerra e do pós-guerra, dos seus assombros, medos, e das conquistas. O que importava era que se percebesse o novo que estava acontecendo com o povo e principalmente com a juventude. "Sua juventude, a pouco e pouco, vai deixando de 'consumir' letras, de memorizar a geografia e a história da metrópole para ir tendo, no trabalho, a fonte de seu estudo" (ibid., p.73).

O que se percebe é que na primeira fase dos trabalhos de reconstrução de Guiné-Bissau, o acento maior foi na alfabetização de adultos e uma maior tomada de consciência dos camaradas de Bissau. Uma espécie de saída da consciência inconsciente para a sobriedade da situação. Havia muita gente aderida ao colonizador, inclusive um grande número de professores que eram militares e que aos poucos foram sendo substituídos pelos que adquiriam uma nova consciência da necessidade de libertação do povo, pelo povo.

A segunda fase foi também marcada pela alfabetização, sobretudo, pela produção, o que só foi possível devido à compreensão do quanto era fundamental o trabalho coletivo em todos os níveis, na busca de superação de um passado tenebroso e desumano.

Os mais jovens que iam se alfabetizando, aprendendo a ler o mundo, tornavam-se animadores dos Círculos de Cultura, às vezes, tendo como formação apenas a terceira ou quarta série primária. Pouco a pouco essa experiência foi se multiplicando por inúmeras comunidades. Uma das cidades onde ocorreu esse fenômeno em maior número foi Sedengal. "Quem não descobriu o valor do coletivo dificilmente encontra sentido para ficar em Sedengal", palavras de um deles numa reunião da população com membros da Comissão Coordenadora" (ibid., p.77).

O saber-se sabendo das coisas e a possibilidade de se continuar aprendendo e ensinando, sem dicotomias, foi um grande salto de qualidade na vida dos guineenses. Exemplos como o que se segue, não é para ser transplantado, mas aprendido por quem deseja ensinar/aprender, em qualquer tempo da vida. "Nós não sabíamos que sabíamos. Agora, não só sabemos que sabíamos, mas sabemos que podemos saber mais" (ibid., p. 78). Palavras de um dos camaradas de Sedengal, após um longo trabalho envolvendo os grupos que experimentaram os Círculos de Cultura, que aprenderam a importância de se fazer a leitura de mundo, do engajamento comunitário para a superação das peripécias do cotidiano.

As cartas vão uma a uma revelando os progressos das visitas e apoios, afirmando e reafirmando o propósito de que as experiências não devem ser transplantadas, mas sempre reinventadas. Nelas vai se confirmando o apreço de Paulo Freire pelos ideais e pela obra de Amílcar Cabral. "Quanto mais re-estudarmos a obra teórica de Amílcar Cabral, expressão de sua prática na prática de seu povo, tanto mais nos convencemos de que a ela teremos sempre de voltar" (ibid., p. 97). Assim cada paço dos trabalhos, era informado registrado por mais uma correspondência, que em alguns momentos não aguardava respostas e lá se ia uma outra carta com novas informações.

Percebemos também que suas cartas eram respondidas por eles. "Acabo de receber sua carta e me apresso em escrever-lhe algo, mesmo que estejamos às vésperas de nossa próxima

visita a Guiné, quando, espero, poderemos discutir, em equipe, os pontos a que você se refere, de maneira, talvez, mais aprofundada” (ibid., p. 141).

Ditas essas coisas, não nos receamos em afirmar que as *Cartas à Guiné-Bissau*, foram as experiências que mais se aproximaram das utopias de Paulo Freire, no que concerne ao seu doce gosto de escrever a partir da práxis, no calor da luta, no fazer histórico do povo. O diálogo praticado.

Sentimo-nos persuadidos a dizer que ao escrever aos guineenses, escrevia ao mundo, pois não há dúvidas, de que se tratava de uma obra aberta aos seres humanos do planeta, poderia ou poderá ser utilizada para apoio em alfabetização e recuperação de qualquer país do mundo, sem se transplantar experiências.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

